

## **SOBRE A COMPLEXIDADE DAS VIVÊNCIAS ESTUDANTIS ENTRE O ESPAÇO RURAL E URBANO**

### **ON THE COMPLEXITY OF STUDENT EXPERIENCES BETWEEN RURAL AND URBAN SPACE**

Tereza Joelma Barbosa Almeida

*terezajo1@yahoo.com.br*

Universidade Católica do Salvador/UCSal

Salvador – Bahia - Brasil

Submetido em 07 de Janeiro de 2021

Aceito em 22 de março de 2021

#### **Resumo**

Esse artigo tem por objetivo tecer uma análise crítica e reflexiva sobre uma pesquisa desenvolvida em curso de pós-graduação a partir da qual organiza-se nova agenda de pesquisa que possibilite compreender a complexidade das vivências estudantis que se movem entre o espaço rural e o urbano, bem como os impactos e as influências mútuas entre os estudantes e esses ambientes. Nessa perspectiva, problematiza-se, neste ensaio, os resultados de pesquisa desenvolvida em uma escola pública estadual que objetivou compreender os fatores que mobilizavam estudantes a depredarem o patrimônio escolar. De modo a estabelecer um padrão de análise e por adequar-se ao novo objeto de pesquisa verifica-se na metodologia de trabalho adotada sua relevância e efetividade na obtenção das informações, dessa constatação concebe-se como metodologia pretendida para desenvolvimento da nova proposta de pesquisa. Assim, a pesquisa assume sua natureza qualitativa com abordagem (auto) biográfica cujos instrumentos utilizados para coleta das informações foram grupo focal e as entrevistas narrativas. Compreende-se a relevância da nova proposta de pesquisa ao verificar que a produção do conhecimento científico, em se tratando das relações entre o urbano e o rural, numa perspectiva compreensiva ainda são bastante reduzidas conforme literatura consultada.

**Palavras-chave:** Urbano e rural; Relações socioambientais; Depredação escolar.

## Abstract

This article aims to provide a critical and reflective analysis of research developed in a postgraduate course, from which a new research agenda is organized, which makes it possible to understand the complexity of student experiences that move between rural and urban space, as well as the mutual impacts and influences between students and these environments. In this perspective, the results of research developed in a state public school that aims to understand the factors that mobilize students to deplete school heritage are problematized in this essay. In order to establish a standard of analysis and for adapting to the new research object, the relevance and effectiveness in obtaining information is verified in the work methodology adopted. From this observation, it is conceived as the intended methodology for the development of the new research proposal. . Thus, the research assumes its qualitative nature with a (auto) biographical approach whose instruments used to collect information were a focus group and narrative interviews. The relevance of the new research proposal can be understood when verifying that the production of scientific knowledge, when it comes to the relations between urban and rural, in a comprehensive perspective are still quite reduced according to the consulted literature.

**Keywords:** Urban and rural; Socio-environmental relations; School deprecation.

## Introdução

O presente texto é um ensaio acadêmico cujo objetivo é abordar reflexões críticas a partir da análise de um trabalho dissertativo sobre uma realidade de vida escolar de um grupo de estudantes de uma escola pública estadual em atenção as interações socioambientais vividas por estes a fim de fundamentar nova agenda de pesquisa.

O conteúdo deste artigo foi extraído de um dos capítulos da dissertação do Mestrado em Planejamento Ambiental da Universidade Católica do Salvador (UCSal), cuja pesquisa foi desenvolvida em torno do eixo temático “Educação ambiental e valorização da ética para o cuidado do ambiente escolar”. A referida pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual localizada no município de Ribeira do Pombal-BA, que dispõe de modalidade de ensino regular, para 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries do ensino médio no diurno e educação de jovens e adultos (EJA) no noturno.

O objetivo da pesquisa na ocasião do mestrado foi:

Compreender os fatores que mobilizavam os estudantes do ensino fundamental e ensino médio a depredarem o patrimônio escolar, os sentidos que atribuem aos conhecimentos aprendidos na escola sobre educação ambiental e os modos

como representam e se relacionam com o ambiente escolar onde estudam (ALMEIDA, 2018, p. 28).

A metodologia adotada assumiu uma abordagem de caráter qualitativa, de natureza (auto) biográfica que contribuiu para a percepção das conexões de sentido entre as relações afetivas dos estudantes e a depredação do ambiente escolar, bem como, com a necessidade de uma educação ambiental para o cuidado ético desse ambiente. Para produção das (auto) biografias pelos estudantes foram utilizados como instrumentos de pesquisa a formação de grupo focal e entrevistas narrativas, que foram registradas em áudio (ALMEIDA, 2018).

A partir da releitura dessa pesquisa foi possível verificar a importância e a necessidade histórica e social de novas discussões dentro desse contexto educacional escolar que oportunize a visibilidade do urbano e do rural, vez que, nesse contexto de escola de vida urbana se encontram estudantes provenientes de localidades de vida rural.

Tal percepção instiga sobre este artigo reflexões que provocam o espírito investigativo para se pensar sobre as relações afetivas dos estudantes do campo sobre o ambiente nos distritos onde moram, bem como, suas perspectivas de vida nessas localidades, assim como, suas projeções de vida para o futuro e a natureza de suas relações socioambientais. Cabe ainda refletir sobre os impactos nos modos de vida desses estudantes que se deslocam diariamente entre o espaço rural e urbano. Na entendimento de espaço na perspectiva de Milton Santos (2006) ao pontuar que o homem através de suas práticas cotidianas atribuem ao espaço um conteúdo, uma vida.

As críticas e reflexões aqui tecidas emergem de um lugar de fala, onde enquanto pesquisadora no respectivo campo empírico, atuo como docente há 10 anos, o qual se constitui em cenário de importantes acontecimentos, reveladores de problemas sociais extra muro escolar, onde se permite a escuta ao estudante, que no tom do desabafo, ora reclama e ora reivindica seus direitos e revelam os valores culturais que fundamentam sua vida social.

Desse local de fala que relato e onde constato a distribuição de estudantes entre os turnos matutino e vespertino, que se repete anualmente, onde verifica-se no turno matutino constituído majoritariamente por estudantes residentes na cidade e no turno vespertino constituído na sua maioria por estudantes residentes no campo. Onde se observa no comportamento do estudante

residente no campo um agir mais calmo, tranquilo, cuidadoso e respeitoso socialmente no contexto escolar comparativamente aos estudantes residentes na cidade, fato esse observado e pontuado sempre nas reuniões de docentes na respectiva instituição de ensino.

Essas observações diárias instigaram a releitura da pesquisa realizada durante o Mestrado em Planejamento Ambiental, a partir de uma análise teórica-epistemológica alicerçada em reflexões críticas sobre a seção da dissertação que trata dos sujeitos e suas projeções afetivas nas interações sociais e com o ambiente escolar. O que se problematiza a partir das ideias pontuadas sobre a escola em questão, que se constituíra mais uma vez no campo empírico de pesquisa para o doutorado, são reflexões sobre o contexto de vida discente que circulam entre o mundo rural e o urbano que se insere nessas problemáticas socioambientais percebidas no contexto escolar, para a qual é pertinente nova agenda de pesquisa.

Para compreensão conceitual sobre os termos rural e urbano toma-se como fundamento teórico a compreensão formulada por Moreira (2010) o qual destaca que o rural em tempos modernos foi concebido a partir de ideias opostas entre campo-cidade em discursos de conceitos e valores tidos como superiores e inferiores, tradicional-moderno, incivilizado-civilizado. Em outra dimensão, o rural-agricultura opunha-se ao urbano-industrial, na vida e na cultura. Nesse contexto histórico, a exploração e dominação da natureza firma seus passos e deixa suas marcas em tempos contemporâneos, onde novos rumos começam a ser delineados. Somando-se a esse entendimento conceitual destaca-se a compreensão trazida por Meira e Alencar (2019) na perspectiva de autores como Whitaker (2010) e Biazzo (2009) os quais expõem o conceito de cidade e campo como paisagens concretas construídas pelos seres humanos, enquanto que urbano e rural referem-se as práticas de vida dos sujeitos.

As concepções sobre os modos de vida no campo e na cidade são as mais variadas e verifica-se na literatura consultada uma imagem sobre o mundo rural que perpassa pela sua inferiorização, submissão ao urbano, exploração, até a uma imagem romantizada conforme revela Moreira (2010) ao afirmar que em tempos contemporâneos constrói-se uma imagem romantizada do mundo rural concebida como um território sem conflitos e disputas, de paisagens cênicas e esplendorosas, lugar de lazer e turismo, de comunidades de gente simples e de cultura tradicional, com patrimônios culturais e de reservas naturais a serem preservadas. Sobre esse mundo rural estruturam-se projetos capitalistas centrados no discurso de desenvolvimento

sustentável que zela pela harmonia do ser humano com a natureza e dessa forma tentam mascarar e esconder os problemas sociais agrários, bem como a incompatibilidade desta harmonia com a acumulação de bens em uma sociedade capitalista.

A passagem da imagem rural como agrícola para uma rural como natureza e como modo de vida saudável associada a uma consciência ecológica, provoca uma ressignificação do rural pela sociedade contemporânea. A percepção de um novo rural brasileiro e conseqüentemente de novas identidades rurais reivindica como fundamental pensar sobre o fenômeno da vivência do ser vivo e da vida humana e para os fenômenos das globalizações contemporâneas e suas conseqüências nas condições de vida dos seres humanos (MOREIRA, 2010).

Carneiro (2008) reforça que seria mais prudente, em vez de tentarmos redefinir as fronteiras do rural e do urbano, orientarmos nossos esforços para a busca dos significados das práticas sociais que tornam operacional esse tipo de interação (e distinção) a partir do olhar dos atores sociais o que implica considerar como os indivíduos definem essas categorias e as incorporam em seus universos sociais. A consciência de si na relação com o outro, pode contribuir para a definição de uma identidade urbana no interior de uma localidade tida como rural e vice-versa.

Carneiro (2008) ainda especifica a relevância de se questionar como esse processo emerge, para quem e por quem? Sendo necessário ao se falar nas respectivas categorias, rural e urbano, procurar por uma abordagem centrada nos atores e nas classes sociais em atenção a heterogeneidade do mundo social.

Nessa compreensão teórica mobiliza-se as possibilidades de leitura crítica sobre o campo empírico da pesquisa a ser desenvolvida na instituição de ensino, tendo em vista a vida do estudante rural que transita diariamente entre o campo e a cidade.

Nessa linha de pensamento organiza-se este gênero textual que aborda na sequência os aspectos metodológicos, resultados e discussões sobre os sujeitos e suas projeções afetivas nas interações sociais e com o ambiente escolar, seguida de reflexões críticas a serem pensadas para a pesquisa em nível de doutorado, considerações finais e referências.

### Aspectos metodológicos

A metodologia (auto) biográfica utilizada na pesquisa do Mestrado se mostrou eficaz e

satisfatória possibilitando discussões riquíssimas, uma vez que, ao explorar os aspectos afetivos dos estudantes aflora-se nas suas histórias de vida escolar narradas, os valores e sentidos que atribuem a diversos aspectos da vida e revelam simultaneamente os fatores que conduzem alguns estudantes a depredarem o patrimônio escolar.

A escolha metodológica fundamenta-se em Minayo (2002) ao esclarecer que o trabalho (auto) biográfico colabora para explorar um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, em uma dimensão de análise mais profunda sobre as relações sociais, as quais não podem ser reduzidas à operacionalização de variáveis.

Souza (2014) acrescenta que as narrativas (auto)biográficas, centradas nos percursos e experiências de vida dos seres humanos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivos diante às reflexões construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si.

Delory-Momberger (2004) pontua que a atividade biográfica não é uma atividade pontual e limitada apenas a um relato de vida, mas uma forma de atividade mental vantajosa que possibilita ao ser humano representar-se e compreender-se nos seus processos de socialização e experiência de vida inseridos em um contexto social e histórico.

Arfuch (2010), ao destacar o valor do trabalho biográfico, afirma haver dupla dimensão que envolve uma ordem narrativa; ao mesmo tempo em que explora uma orientação ética, e se constitui em espaço de autorreflexão que explora a afetividade. Destaca a relevância filosófica dos processos (auto)biográficos para validade da razão.

Souza (2014) afirma que, através da abordagem biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, e se revela através da subjetividade, da singularidade e das experiências, dessa forma, a pesquisa com histórias de vida inscreve-se em um espaço, onde o autor parte da experiência de si e questiona os sentidos de suas vivências.

Foi nessa compreensão metodológica, alicerçada nos autores supracitados, que se utilizou no desenvolvimento da pesquisa na ocasião do mestrado, como instrumentos para a produção das narrativas (auto) biográficas, os grupos focais ao considerar a relevância do grupo focal como um eficiente instrumento de levantamento de informações e investigação em ciências sociais e humanas, conforme evidenciou a autora Gatti (2005). O grupo focal foi utilizado na fase inicial da pesquisa, de maneira que pode fornecer elementos essenciais para subsidiar a posteriori construção das entrevistas narrativas por parte dos estudantes (ALMEIDA, 2018).

Foram realizadas três reuniões com a formação do grupo focal, seguindo as orientações de Gatti (2005). Embora a autora não orientasse iniciar o grupo focal com músicas de relaxamento, houve a necessidade de incluir este elemento a fim de facilitar a concentração dos estudantes; tal recurso se mostrou bastante satisfatório para o objetivo desejado. Além disso, foram utilizadas fotos que registravam os aspectos de depredação do ambiente escolar a fim de provocar estímulos para iniciar a produção das narrativas pelos estudantes. As fotos foram utilizadas tanto no grupo focal como nas entrevistas narrativas, sendo um recurso visivelmente relevante e eficaz para início dos trabalhos (ALMEIDA, 2018).

Em se tratando das entrevistas narrativas como um dos instrumentos para coleta das informações na pesquisa, Jovcelovitch e Bauer (2008) destacam sua relevância, uma vez que, através destas, as pessoas lembram o que aconteceu e colocam suas experiências de vida em uma sequência de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Nessa compreensão optou-se em seguir as orientações proposta pelos autores, inovando apenas na utilização de músicas instrumentais e fotos com aspectos de depredação, conforme procedido nos grupos focais. As entrevistas narrativas decorreram individualmente sendo registradas em áudio, assim como as narrativas dos grupos focais. As narrativas foram posteriormente submetidas a transcrição e uma revisão linguística a partir das quais foram retirados trechos (excertos) dos textos (auto) biográficos para análise (ALMEIDA, 2018).

Para análise interpretativa das informações, utilizou-se a ideia metafórica de Souza (2014), que considera a leitura em três tempos: Tempo I: Pré-análise / leitura cruzada; - Tempo II: Leitura temática – unidades de análise descritivas; - Tempo III: Leitura interpretativa compreensiva do corpus, refere-se às narrativas autobiográficas.

### **Os sujeitos e suas projeções afetivas nas interações sociais e com o ambiente escolar**

A pesquisa acadêmica no Mestrado, subsidiada pela metodologia supracitada, permitiu verificar sobre o contexto escolar, um cenário de importantes acontecimentos, onde estudantes de localidades diferentes se encontram e manifestam suas formas de pensar, sentir e agir, que são reveladoras dos valores culturais apreendidos no seio familiar.

Assim, o espaço escolar se torna palco da vida onde os atores (estudantes) expressam seus sentimentos e ações que se contrapõe entre o cuidado desse ambiente e a depredação do

mesmo ambiente, revelando distanciamento de valores entre alguns estudantes (ALMEIDA, 2018).

Milton Santos (2006) destaca que o espaço é a síntese, entre o conteúdo social e as formas espaciais e, quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, incorporam-se conteúdos de vida aos objetos sociais.

É no olhar sobre esse espaço social, nos objetos depredados, que reflito e analiso a partir das (auto) biografias dos estudantes as relações socioambientais entre os sujeitos e suas projeções afetivas nas interações sociais e com o ambiente escolar, buscando compreender quais os fatores que colaboram para essa depredação e os sentidos que estes estudantes atribuem à educação ambiental (ALMEIDA, 2018).

Como exemplo para análise e discussão dos resultados, destaco um recorte de uma das seções da dissertação do mestrado que aborda as projeções afetivas dos estudantes nas suas interações socioambientais. Nessa respectiva seção, a presença dos pais na educação dos filhos se apresenta nas narrativas dos estudantes com uma lacuna educativa importante a ser considerada, com consequências delicadas para a formação dos mesmos, e que tendem a interferir nas relações sociais. Foi possível constatar também a relevância das famílias para o ensino de valores, sendo estas um referencial primordial, orientador do comportamento dos jovens, das quais a afetividade emerge como elemento essencial, para fortalecer o alicerce dessa arquitetura de vida juvenil (ALMEIDA, 2018).

Dentre os estudantes pesquisados, cabe aqui destacar que estavam presentes estudantes residentes no campo e estudantes residentes na cidade, cuja categorização não contemplada no trabalho dissertativo, permite aguçar agora novas discussões e possibilidades de pesquisa. Assim sendo, a releitura do trabalho dissertativo que decorre a seguir identifica e revela os posicionamentos entre estes estudantes sobre os aspectos de depredação.

O estudante Rafael (residente no campo) na sua entrevista narrativa, ao mencionar, “[...]minha mãe me ensinou desde cedo, devemos ser educado e não tratar as pessoas mal, saber se comportar em meio as pessoas [...]” (p. 88), revela no seu excerto narrativo suas referências de valores sociais e de respeito ao próximo, estruturadas em uma educação familiar orientadora de seu comportamento, que se perpetua na ausência dos seus familiares (ALMEIDA, 2018).

Constata-se, assim, as influências positivas da educação familiar para os adolescentes, as

quais, contraditoriamente, em outras circunstâncias familiares, não são percebidas, conforme se observa no excerto da narrativa da estudante Mara (residente na cidade) no grupo focal ao referir-se que: “[...] alguns pais de alunos pensam que os filhos são gente boa, mas quando estão dentro do colégio os alunos são uns capetas [...]” (ALMEIDA, 2018, p. 88).

Almeida (2018) sinaliza que essa fase de desenvolvimento do adolescente, cuja etapa se encontra em formação biopsicossocial, requer atenção especial. Somos obrigados a reconhecer que há uma fragilidade educativa no seio familiar, seja por indiferença ou ignorância dos pais ao lidar com essa complexidade do pensar e agir juvenil. Trata-se de uma fase de instabilidade temperamental, cujo equilíbrio pretendido se consolida com a chegada da fase adulta, conforme esclarece Piaget (1999), ao revelar que o desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e termina na idade adulta, sendo comparável ao desenvolvimento orgânico. Na área afetiva, o equilíbrio dos sentimentos aumenta com a idade adulta e as relações sociais obedecem à mesma regra de estabilização gradual.

Essa constatação teórica no campo da psicologia colabora para pontuar que o ser individual, no seu agir é um produto de uma educação que inicia no seio familiar, perpassa nas relações de amigos, grupos religiosos, nos ambientes de educação formal, ao tempo que sofre as influências dos meios sociais (ALMEIDA, 2018).

Nesse sentido, Vigotsky (2000) destaca que a estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre a história individual e social do sujeito. São mudanças que não ocorrem de forma unidimensional e nem tampouco regular, depende das relações sociais, das interações sociais.

Almeida (2018) identifica as proposições dos autores supracitados, no excerto do estudante Jorge (residente no campo) ao mencionar na entrevista narrativa que:

“teve algumas confusões quando eu era criança, mas agora que estou com 14 anos nunca mais briguei com os colegas, eu era perturbado só parava quando tomava uma bronca do professor, mas mudei, além de brincar eu sei o que é certo e errado, evito fazer as coisas erradas [...]” (ALMEIDA, 2018, p. 91).

Percebe-se, portanto, que o processo de amadurecimento do indivíduo necessita das interações sociais e educativas que propiciem as mudanças de vida necessárias para cada ser

humano. Essas interações sociais dos indivíduos podem ser as mais diversas, envolve pensar no meio religioso, meio político, um meio familiar, um meio escolar, os meios midiáticos, de amigos, o meio ambiente (ALMEIDA, 2018).

Sobre esta última categoria Genebaldo Freire Dias (2004) pontua que falar em meio ambiente, ou simplesmente ambiente, não pode estar limitado a pensar apenas na flora, na fauna, na água, no solo e no ar, como era tradicionalmente definido, em tempos atuais, é preciso envolver ao conceito de meio ambiente as atividades humanas, a cultura de um povo, uma vez que, se percebe que muitos danos ambientais são devidos as decisões políticas e econômicas equivocadas. Assim sendo, as questões ambientais não podem estar limitadas apenas ao campo da ecologia.

Nessa compreensão, Almeida (2018) ressalta a necessidade de uma educação ambiental dentro dos contextos escolares que seja ancorada em sentidos educativos, isso envolve uma relação do pensamento com os sentimentos, para o ensino de valores socioambientais. Essa relevância educativa aqui ressaltada decorre das percepções que emergem no excerto da narrativa da estudante Lisa (residente na cidade) onde no grupo focal esta menciona que há estudantes que, além de depredarem, são provocativos e desafiadores. Na fala da mesma “[...] eu consegui fazer isso, você não faz, faço qualquer coisa com qualquer pessoa e você não faz [...]” (p. 90). O estudante Rafael (residente no campo) no grupo focal reforça a fala da colega, denunciando que as vezes colegas bagunceiros estimulam os outros a fazerem também. Almeida (2018) alerta sobre essa narrativa onde se percebe o poder influenciador do estudante que depreda e agride sobre os demais. Pontua que por se tratar de uma fase de construção da personalidade do adolescente, dentro dos espaços escolares é preciso estar atento a estas problemáticas sociais e ambientais, sobre as quais necessita-se de alternativas educativas que desenvolva nos estudantes, senso crítico e ético para cuidar não só ambiente, como também do outro, nesse sentido, o exercício da empatia é fundamental, isso envolve colocar-se no lugar do outro e respeitar todas as formas de vida.

Almeida (2018) sinaliza ainda sobre essas observações, que os adolescentes aprendem os valores no contexto em que está inserido, através do qual vai construindo sua identidade. Nesse sentido, Ferronato (2015, p. 5) ressalta que:

“A construção da identidade é pessoal e social, pois acontece de forma interativa por meio de trocas entre o indivíduo e o meio e está intimamente relacionada, com a cultura, com os valores e a sociedade e o contexto social em que está inserido”.

Almeida (2018) pontua que a formação da personalidade fica em evidência e revela a necessidade do ensino de valores para a estruturação dessa identidade juvenil que segundo Piaget (1999, p. 61) essa formação da personalidade “começa no fim da infância (8 a 12 anos) com a organização autônoma de regras, dos valores, afirmação da vontade, com a regularização e hierarquização moral das tendências”.

Trata-se, portanto, de uma fase crucial para a formação dos valores, pois compreende-se que essa fase de mudanças e afirmações coloca os adolescentes em circunstâncias vulneráveis a influências sociais, conforme nota-se no excerto da narrativa do estudante Jorge (reside no campo) ao afirmar na sua entrevista narrativa que “[...] um menino que queria buscar confusão comigo eu mesmo me juntei com eles e comecei a brincar [...]” (p. 91). Entre a razão e a emoção, os estudantes vão organizando suas tendências morais, estabelecendo vínculos afetivos e estreitando os laços cooperativos de amizade e, assim, revelando as influências socioambientais do meio onde estão inseridos (ALMEIDA, 2018).

Ferronato (2015) alerta que, no aspecto afetivo, o adolescente vive conflitos e deseja libertar-se do adulto, mas ainda depende dele; deseja ser aceito pelos adultos e pelos amigos, cujo grupo passa a ser um referencial muito forte para o jovem, influenciando seu modo de falar, de vestir e se comportar. A importância atribuída às amizades é uma marca comum na fase da adolescência. Nesse sentido, Almeida (2018) identifica na entrevista narrativa da estudante Ana (residente na cidade) o valor atribuído as amizades, quando esta menciona uma escola onde havia estudado que gostava muito porque “[...]alguns alunos ajudavam uns aos outros[...]” (p. 91). Já a estudante Mara (residente na cidade) na sua entrevista narrativa revela que tem “amigos que fazem muitas coisas, já soltaram bomba, já trancaram a sala com cadeado, quebraram cadeira [...]” (p. 92).

São inúmeras as possibilidades de influências sociais na formação dos valores dos adolescentes, podendo estas serem positivas ou negativas. Isso implica dizer que uma educação familiar ausente ou fragilizada coloca em xeque a formação da personalidade do adolescente,

uma vez que se percebe nos aspectos sociais o potencial influenciador na formação dos valores juvenis. Portanto, verifica-se que famílias ausentes na educação dos seus filhos comprometem a formação da personalidade dos mesmos, tornando-os frágeis e vulneráveis às influências sociais, cujos problemas daí decorrentes, afetam não só os próprios pais, mas a sociedade de um modo geral (ALMEIDA, 2018).

Nesse sentido, Araújo (2007) colabora ao pontuar em sua pesquisa que os filhos buscam no lar não somente o prazer, mas também os limites, limites estes que se não são encontrados ali, serão algumas vezes impostos através de sanções para condutas delinquentes. Se vivemos em um mundo sem limites, onde as referências se tornam confusas pela falta de referenciais familiares, pode-se favorecer o abandono dos filhos os quais se deixam levar pela violência, por condutas e manifestações adversas.

Santos e Nogueira (2009) destacam que a família é o primeiro modelo e referencial para o adolescente enfrentar o mundo, nesse sentido o diálogo entre pais e filhos é fundamental a fim de evitar que os mesmos busquem por informações que podem ser equivocadas com os amigos.

Essas informações equivocadas podem ser direcionadoras para o mundo da criminalidade, conforme aborda Puig e Araújo (2007), ao destacarem que as projeções afetivas de uma pessoa podem se direcionar para a figura de um traficante de drogas.

Essa é uma problemática que adentrou os muros escolares, marcando território, seduzindo vidas e onde se percebe a vulnerabilidade de muitos jovens. Esse é um fato vivenciado dentro do respectivo contexto escolar onde se identifica as apologias às facções pichadas nas paredes das salas de aula, nos muros da escola e conforme revela, no grupo focal, o estudante Jorge (residente no campo): “[...] os alunos pincharam a parede de uma sala de aula com símbolos de facções e eu acho isso uma vergonha porque uma sala de aula é para está limpa e em perfeito estado e que pena que isso acontece nas escolas [...]” (ALMEIDA, 2018 p. 118).

Abramovay e Rua (2003) ressalta que a violência escolar, com o passar do tempo, foi ganhando traços mais graves e transformando-se em um problema social realmente preocupante. Almeida (2018) evidencia esse fato através do excerto narrativo da estudante Laura (reside no campo) a qual no grupo focal menciona que: “[...] fizeram um palhaço na parede que é o símbolo de facção [...]” (p. 118). O estudante Fábio (reside na cidade) também no grupo focal reforça que: “[...] a casos de depredação em decorrência de facções querendo se manifestar [...]” (p. 118).

Na literatura outros autores já sinalizam sobre esse fato conforme se verifica em Medrado (1998) ao alertar sobre as disputas dos traficantes pelo espaço escolar, que fazem questão de aí se imporem mesmo não havendo muitos clientes para o consumo dos entorpecentes. Verifica-se, então, um outro fator que colabora para a depredação escolar.

O crescimento das cidades trazem consigo benefícios sociais importantes, mas também diversas problemáticas sociais que afetam não só a própria população da cidade como também a população do campo, em especial os jovens estudantes que necessitam se deslocar para a cidade a fim de concluir seus estudos.

Almeida (2018) ainda destaca que a complexidade dos fatores que colaboram para a depredação do patrimônio escolar emergem das narrativas dos estudantes revelando diversas situações conflituosas como as mencionadas no grupo focal por Jorge (reside no campo):

[...] minha escola sofre atos de depredação, carteiras quebradas, janelas e vidros quebrados, lâmpadas e ventiladores quebrados, paredes pichadas. Teve um ano que ocorreu um ato de vandalismo na minha sala de aula mesmo, um aluno começou a discutir com o outro, um dos alunos pegou a cadeira e jogou no outro [...] (ALMEIDA, 2018, p. 104).

Almeida (2018) alerta que a insensibilidade às consequências ambientais dos atos estudantis que destroem o ambiente escolar é fato evidenciado nos excertos e trazem à tona os conflitos vividos nas relações interpessoais hostis. A estudante Lisa (residente na cidade) no grupo focal revela essa hostilidade percebida nas ações dos colegas em relação aos professores,

[...] as vezes os colegas têm raiva de professor, quer nota do professor, professor diz que não vai dar, quer ajuda do professor, mas às vezes o professor não pode dar na hora, aí ficam com raiva e vão quebrar as coisas para ele não dar aula, para colocar para fora ou mandar o aluno para a secretaria (ALMEIDA, 2018, p. 104).

O ambiente escolar se constitui, assim, como uma arena onde um recorte da vida social extraescolar do estudante se apresenta e revela a diversidade de valores apreendidos por estes, no cotidiano das suas comunidades, no seio familiar. Assim, o referencial de vida dos estudantes torna-se quando não a família, os amigos, entre outras pessoas, como modelo de conduta social (ALMEIDA, 2018).

Assim, a complexidade do fenômeno socioambiental da depredação e violência escolar no espaço urbano, subscreve-se em um quadro de relações interativas que muitas vezes são conflituosas e pressupõe refletir sobre esse contexto escolar em se tratando das projeções afetivas dos estudantes os valores de vida que fundamenta suas ações (ALMEIDA, 2018).

É pertinente, pois, a partir dessa releitura, propiciar sobre esse contexto escolar a visibilidade do mundo rural, na pessoa do estudante residente no campo, que necessita se deslocar diariamente para a cidade a fim de concluir seus estudos no ensino médio. Dito isto, verifica-se a necessidade de considerar as problemáticas sociais e ambientais que afetam a vida do estudante residente no campo em nova agenda de pesquisa a ser concebida para o doutorado.

### **A complexidade das vivências estudantis entre o espaço rural e urbano**

Ao considerar a complexidade de vida dos estudantes que transitam diariamente entre o espaço rural e o urbano, cabe destacar o caráter multifacetado da violência escolar que afeta a vida do estudante rural e as diferentes questões de cunho religioso, político, étnico e cultural que aí emergem. Sobre esse aspectos multifacetados da violência escolar cabe destacar a questão dos preconceitos e discriminações identificado na pesquisa de Abromavay (2002) e na pesquisa de Almeida (2018), ao abordar trecho da entrevista narrativa de Tiago (residente na cidade) que revela os casos de *bullying* dentro da escola em que este estava envolvido, ao mencionar que: “[...] teve vários momentos hilários, minha primeira briga, por causa de bullying, cenas que nunca vou esquecer, também já aprontei [...]” (p. 117).

Sobre essa releitura mergulho nas lembranças, enquanto docente da respectiva instituição de ensino, das diversas ocorrências em que presenciei conflitos entre estudantes, onde emergiam os esteriótipos sobre o mundo rural e seus habitantes e percebo a essencialidade de uma nova pesquisa que identifique os aspectos históricos que delinearam esses traços sociais sobre o campo e a cidade. Traços sociais estes reveladores das atuais desigualdades sociais, onde alguns membros da sociedade acumulam suas riquezas outros reivindicam pelo mínimo recurso para sobrevivência. Nesse sentido, o contexto escolar também revela os traços das desigualdades sociais presentes nas falas de alguns estudantes que reclamam por não poder comprar o material escolar solicitado pelo professor e por não ter acesso a internet. Essa constatação reivindica uma análise sobre as questões políticas e econômicas e suas implicações sobre o mundo rural em uma

sociedade capitalista.

Bezerra e Silva (2018) alertam que a desigualdade no campo e o aumento da degradação ambiental são impactos marcantes. O semiárido nordestino tem como um traço principal as frequentes secas, caracterizadas tanto pela ausência, escassez ou alta variabilidade espacial e temporal das chuvas, é uma região que serve, sem sombra de dúvidas, como referencial para a análise de políticas de desenvolvimento regional.

Tais fatos sinalizados pelo autor são pertinentes para serem analisados sobre o campo empírico da pesquisa, uma vez que, trata-se de uma escola pública estadual que se localiza no semiárido nordestino cujo bioma é a caatinga, cabendo, portanto, a partir da proposição do autor um olhar criterioso sobre esses aspectos que envolve as políticas de desenvolvimento regional, principalmente aquelas que afetam diretamente a vida do estudante residente no campo. Neste sentido é importante considerar questões que envolvem o transporte escolar, agricultura familiar, o acesso a educação, saúde, emprego, entre outras peculiaridades que perpassam e afetam o mundo rural, nessa compreensão que se traça um novo caminho de pesquisa.

Suzuki, et al (2019) destaca que o campo e a cidade na América Latina apresentam uma grande diversidade social, cultural, política, econômica e ambiental, que é decorrente não só das diferenças do processo dominador da colonização, portuguesa e espanhola, e das miscigenações permanentes, cujos resultados culturais são evidentes, mas também por conta da riqueza ambiental, que se constitui em bases importantes para a produção social e econômica.

Williams (2011) colabora sinalizando que o campo no seu caráter positivo passou a ser associado a uma forma natural de vida, onde se pode ter paz, associado à ideia de lugar de inocência e virtudes simples. A cidade associou-se à ideia de centro de realizações e de saber, comunicações, luz. Negativamente a cidades são associadas como lugar de barulho, mundanidade e ambição, enquanto o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.

Essas observações teóricas colaboram para aguçar as reflexões sobre a nova proposição de pesquisa onde as relações sociais dos estudantes polarizadas são reveladoras desses estigmas e esteriótipos sobre os habitantes do campo, que afetam significativamente a vida do estudante que se movem diariamente entre o campo e a cidade.

Como bem afirma Williams (2011, p. 21), “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se

em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”.

É no entendimento dessas redes de relacionamentos, de ideias, de decisões e de sentimentos, que envolve nossas projeções afetivas que problematizo a pesquisa para o doutorado na busca de compreender quais as projeções afetivas dos estudantes do campo sobre o ambiente nos distritos onde moram, bem como no contexto social urbano para o qual se movem diariamente, assim como os impactos socioambientais que perpassam pelas suas vidas e as influências mútuas que se desdobram nesses contextos de vida social. Nessa compreensão, é salutar uma investigação científica que possibilite visualizar os pontos e contrapontos dessa interação entre o urbano e rural em tempos atuais.

Ao considerar a relevância da temática pretendida para o desenvolvimento da pesquisa no doutorado busquei na literatura acadêmica trabalhos científicos correlacionados onde identifiquei através de uma pesquisa desenvolvida por Santos e Alencar (2019) sobre o panorama das publicações desenvolvidas em torno do campo e cidade, rural e urbano cujos dados analisados fornecem um conjunto de indicadores da produção científica dentro da América Latina sobre a temática em questão, deixa claro que os periódicos tidos como referência de produção científica de artigos sobre o tema ainda é ínfima.

Tal constatação reforça a necessidade e relevância dessa pesquisa atribuindo a essa produção científica uma fundamental relevância acadêmica a ser executada.

### **Considerações finais**

A pesquisa de Almeida (2018) ao estabelecer as conexões de sentido entre educação ambiental e a depredação escolar elucidou com base nas projeções afetivas dos estudantes os fatores que colaboram para a depredação do ambiente escolar, ações estas que afetam o meio ambiente.

No entanto, nota-se dentro desse contexto a presença de uma comunidade estudantil rural que sinaliza para novas possibilidades de pesquisa na qual seja possível discutir questões e problemáticas correlacionadas a política, a economia e a cultura, que afetam a vida do campo.

Para esse propósito a metodologia, os resultados e discussões apresentados em pesquisa anterior e exposto parcialmente neste ensaio exemplificam uma possibilidade de trabalho adequada, coerente e satisfatória para investigação científica, uma vez que permitiu explorar os

aspectos afetivos e examinar o caráter multifacetado sobre a vida desses estudantes. Nessa compreensão, pretende-se desenhar sobre o novo objeto de pesquisa a mesma proposta metodológica.

### Referências

ALMEIDA, T. J. B. **Educação ambiental e valorização da ética para o cuidado do ambiente escolar**. Salvador/BA, 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental). Programa de Pós-graduação em Planejamento Ambiental (PPGPA), Universidade Católica do Salvador. Salvador: 2018.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas. Brasília**. UNESCO. Brasil, 2003. 80 p. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967\\_por/PDF/133967por.pdf.multi](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967_por/PDF/133967por.pdf.multi)> Acesso em: 02 jun. de 2017.

ARAÚJO, F. U.; PUIG, J. M. **Educação e valores: pontos e contrapontos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007. 164 p.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2010. 370 p.

BAUER, M.W.; JOVCELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

BEZERRA, J. A.; SILVA, C. N. M. **Entre o Rural e o Urbano Interiorizado**. Mercator, Fortaleza, v. 17, e17019, p. 1-13, set. 2018. doi: <https://doi.org/10.4215/rm2018.e17019> .

CARNEIRO, M. J. **“Rural” como categoria de pensamento**. Revista do Centro de Estudos Rurais da UNICAMP, Campinas, v. 2, n. 1, p. 9-38, mar. 2008. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/661/528>> Acesso em: 19 dez. 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo projeto**. Tradução: Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal/RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. 147p.

DIAS, G. F. **Ecopercepção: um resultado didático dos desafios socioambientais**. São Paulo: Gaia, 2004. 63 p.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípio e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004. 399 p.



HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX

FERRONATO, V. F. O. A Importância da Família na Formação Social do Adolescente. **Revista de Educação**, v. 18, n. 24, p.3-9, 2015. Disponível em: <[www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/download/3341/3008](http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/download/3341/3008)>. Acesso em: 06 out. 2017.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber, 2005. 80 p.

MEDRADO, H. I. P. **Formas contemporâneas de negociação com a depredação**. Cadernos Cedes. v. 19. n. 47, dez. Campinas/SP, 1998. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000400007>.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 80 p.

MOREIRA, R. J. Pensando as ruralidades latino-americanas a partir do caso brasileiro. In: X SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE TERRITÓRIO E CULTURA,. 2010. Manizales, Colômbia. **Anais eletrônicos...** Colômbia: UNIVERSIDADE DE CALDAS, 2010. p. 1-18. Disponível em: < [https://www.academia.edu/35660504/Pensando\\_as\\_ruralidades\\_latino-americanas\\_a\\_partir\\_do\\_caso\\_brasileiro](https://www.academia.edu/35660504/Pensando_as_ruralidades_latino-americanas_a_partir_do_caso_brasileiro)> Acesso em: 19 dez. 2019.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 136 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton\\_Santos\\_A\\_Natureza\\_do\\_Espaco.pdf](http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton_Santos_A_Natureza_do_Espaco.pdf)> Acesso em: 16 dez. 2019.

SANTOS, C. A. C.; NOGUEIRA, K. T. **Gravidez na adolescência: falta de informação?** Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente / UERJ. v. 6, n. 1, p. 48-56. abr. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=42](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=42)> Acesso em: 12 jun. 2017.

SANTOS, A. M.; ALENCAR, C. M. M. Campo-Cidade, Rural Urbano: o som do silêncio na métrica de evolução das publicações científicas na América Latina. In: SUZUKI, J. C. et al. **Campo e cidade na América Latina**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 10. doi: 10.11606/9788575063873

SOUZA, E. C. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido**. Educação. v. 39, n. 1, p. 39-50. jan.-abr. Santa Maria/RS, 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644411344>.

SUZUKI, J. C. et al. (Org.) **Campo e cidade na América Latina**. São Paulo: FFLCH/USP,



HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX

2019. p. 6. Disponível em:  
<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/434>> Acesso em: 10 dez.  
2019.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 496 p.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 11-21.



[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index)